

Joyce DiDonato

Em Guerra e Paz

Harmonia Através da Música



22 MAIO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NANIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VdA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA

ANGELMO
1910
Jubileu há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA
CASA**
Musical Center of Lisbon, for Young Artists

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Em Guerra e Paz

Harmonia Através da Música

22 MAIO
TERÇA
21:00 — Grande Auditório

Joyce DiDonato Meio-Soprano
Il pomo d'oro

Maxim Emelyanychev Direção Musical / Cravo

Manuel Palazzo Coreografia / Bailarino

Ralf Pleger Direção de cena

Henning Blum Desenho de luz

Yusef Iskandar Desenho de vídeo

Joyce DiDonato Produção executiva

Anna Fusek Flauta solo

Bárbara Magalhães Assistente de guarda-roupa

Joyce DiDonato vestida por Vivienne Westwood

Manuel Palazzo vestido por Lasha Rostobaia

Maquilhagem: MAC

Postais: Hallmark

Em Guerra e Paz: Harmonia Através da Música

“No meio do caos, como podes encontrar a paz?”

Duração total prevista: c. 2h

Intervalo de 30 min.

GUERRA

Georg Friedrich Händel

Jepptha: “Scenes of horror, scenes of woe”

Leonardo Leo

Andromaca: “Prendi quel ferro, o barbaro!”

Emílio de Cavaleri

Rappresentazione di anima et di corpo:
Sinfonia

Henry Purcell

Chaconne em Sol menor para três violinos e baixo contínuo
Dido and Aeneas: “Dido’s Lament”

Georg Friedrich Händel

Agrippina: “Pensieri, voi mi tormentate”

Carlo Gesulado

Tristis est anima mea (instr.)

Georg Friedrich Händel

Rinaldo: “Lascia ch’io pianga”

INTERVALO

PAZ

Henry Purcell

The Indian Queen: “They tell us that you mighty powers”

Georg Friedrich Händel

Susanna: “Crystal streams in murmurs flowing”

Arvo Pärt

Da pacem, Domine (instr.)

Georg Friedrich Händel

Rinaldo: “Augelletti, che cantate”
Ariodante: “Dopo notte”

Joyce DiDonato agradece à The Pure Land Foundation pelo seu generoso apoio a este projeto. Joyce DiDonato agradece também à Five Arts Foundation, como recomendada por Helen Berggruen, Susan e John Singer, Helen e Peter Bing, The Howard and Sarah D. Solomon Foundation, Marnie e Kern Wildenthal e Paul Sekhri pelo seu apoio adicional.

Em Guerra e Paz

Harmonia Através da Música

O pêndulo da história humana tem balançado continuamente entre o desespero e a esperança, o horror e a felicidade, o caos e a tranquilidade. Somos seres complexos e imprevisíveis, por vezes propensos ao desassossego, ao isolamento e ao medo, mas também, felizmente, por vezes inclinados para o otimismo, a generosidade e a compaixão.

Como cidadã do mundo em 2016, sinto-me muitas vezes submergida pela tentação de sucumbir ao tumulto e ao pessimismo que ameaçam invadir todos os recantos da nossa vida, e a simples cedência ao desencorajante ruído da revolta pode devastar o espírito. No entanto, sou uma pessoa otimista, lutadora e orgulhosa.

Por isso, pergunto-me: Será possível encontrar uma paz sincera e duradoura no meio do caos ensurdecedor? Sendo assim, como a poderei alcançar? Existirá uma alternativa à capitulação face ao ruído incessante dos nossos medos primários, optando pela via da serenidade e, como consequência, pelo corajoso silenciar desses medos?

Ao longo dos séculos, os grandes artistas foram retratando as atrocidades do seu tempo e os momentos de harmonia, mostrando-nos, lado a lado, e com grande coragem, a nossa natureza brutal e a elevação da nossa humanidade. A arte unifica, ultrapassa fronteiras, une o que está desunido, elimina as diferenças sociais, acalma os tumultos, ameaça o poder e o *status quo* e exalta o espírito. A arte é um valioso caminho para a paz.

Com a ajuda de Handel e Purcell, entre outros grandes mestres, cordialmente vos convido a olhar para os mundos entrelaçados da guerra e da paz, quer sejam internos ou externos, e a interrogarem-se sobre onde gostariam de residir no mais íntimo de vós próprios.

Inquestionavelmente, e em última análise, o poder de corajosamente inclinar a balança no sentido da paz reside firmemente em cada um de nós.

Por isso, pergunto-vos: *No meio do caos, como podereis encontrar a paz?*

JOYCE DIDONATO
Junho 2016

No meio do caos, como podes encontrar a paz

Mantendo presentes no meu espírito as palavras do Ministro Unitário Theodore Parker (1810-1860), utilizadas com grande efeito por Martin Luther King: *“The arc of the moral universe is long but it bends toward justice.”*

RUTH BADER GINSBURG — ASSOCIATE JUSTICE OF THE SUPREME COURT OF THE UNITED STATES

A paz encontra-se num passeio solitário à beira-mar, ouvindo a respiração do oceano, sentindo o movimento da areia nos nossos pés, olhando o pôr-do-sol, e chegando ao fim do dia sabendo que, com a bênção de Alláh, o dia de amanhã será melhor. A verdadeira paz é a paz interior.

DR. FAHAD ALKINDI — GEOPHYSICIST FOR PETROLEUM DEVELOPMENT / OMAN

Eu encontro a paz tal como o fiz em combate: transformo os meus medos em ação pelo meu irmão. Se ele chegar ao fim do dia então a minha missão foi cumprida, e eu terei também chegado. Uso as minhas capacidades ao serviço do meu companheiro de armas o melhor que posso e sei; só assim me poderei sentir orgulhoso no fim de um dia que valeu a pena ser vivido. No entanto, não é só a paz que encontro, mas também o amor.

RICHARD GIBSON — OPERATION IRAQI FREEDOM COMBAT VETERAN / BARÍTONO

Eu encontro a paz e a esperança numa cidade chuvosa onde os refugiados encontram o entusiasmo e a força para pintar girassóis.

SITA, 8, REFUGIADO — PINTOR

No meio do caos, é a contemplação da perfeição da Natureza que me traz a paz. A Natureza levou centenas de milhões de anos para fazer as coisas bem-feitas, e conseguiu. A Humanidade transformou tudo numa confusão, mas a Natureza voltará a consertar as coisas. Nem que demore mais umas centenas de milhões de anos; mas tempo é o que não lhe falta.

DONNA LEON — ESCRITORA

Por viver nas artes: de acordo com Nietzsche, a única justificação para a nossa existência e para este mundo é estética. E por poder desfrutar do amor daqueles que amo, correspondendo-o.

ALFRED BRENDEL — PIANISTA

Imagino um pequeno globo de luz que se expande a partir do meu centro até me envolver totalmente em luz e paz.

DEBRA SCOTT — MEMBRO DO DALLAS STREET CHOIR FOR THE HOMELESS

Música, um livro, uma pintura, um amigo, um oceano, qualquer coisa que me faça parar de pensar, para trás ou para a frente, dá-me paz.

DAVID HYDE PIERCE — ATOR

Nós, os músicos, trazemos a Harmonia, a Beleza e a Paz ao mundo. Os antigos gregos costumavam dizer que tudo o que evoca a Beleza é Bom e Justo, e vice-versa. Através da música, temos de encontrar estes elementos para alimentar a humanidade por todo o mundo, para trazer Harmonia e Paz às pessoas através do Amor: Amor que, como diz Dante, “move o Sol e as outras estrelas.”

RICCARDO MUTI — MAESTRO

Para alcançar a paz exterior, cada um de nós tem que encontrar a sua paz interior. O silêncio é o princípio e o fim de toda a música e temos que valorizar isso neste nosso mundo tão ruidoso.

ANDRÁS SCHIFF — PIANISTA

Convivo com os meus amigos, família, e pessoas que amo, porque o amor é a razão para a vida e a vida é a razão para o amor. Estes dois elementos transformarão o vosso caos em paz.

VICTOR PALAZZO, 11 ANOS, BEIRUTE

A revolta contra todas as formas de injustiça, mas sem ira.

FRANS GOETGHEBEUR — EX-PRESIDENTE DA EUROPEAN BUDDHIST UNION

Em Guerra e Paz

O mundo da música vocal dramática é rico em *pathos*, em paixões extremas, emoções que oscilam entre amor e ódio, tristeza e alegria, agitação e calma, guerra e paz. Os enredos operáticos do período Barroco baseavam-se inicialmente em temas mitológicos, mas foram progressivamente enveredando por romances históricos. Num ou noutro caso, passam sobretudo por um par amoroso que se depara com uma série de provações e obstáculos, muitas vezes criados por forças sobrenaturais, que no final se reencontra e vive feliz para sempre ou se resigna e enfrenta o seu destino. Na oratória, por ser essencialmente baseada em histórias bíblicas, o enredo não é necessariamente amoroso, mas os sentimentos são também extremos, sobretudo quando se trata de textos do antigo testamento. Enquanto os recitativos faziam avançar a ação dramática, as árias permitiam às personagens exprimir a sua reação emocional aos acontecimentos. Predominantemente em forma *Da capo*, a repetição da primeira secção proporcionava aos cantores, as estrelas da ópera, a oportunidade de ornamentar a melodia de modo a exibir a sua extensão e qualidades vocais, mas também dramáticas. Às diferentes emoções estavam associados diversos tipos de árias, desde a *aria di bravura*, agitada, com os seus melismas, intervalos extremos e tessitura alargada, ao *lamento*, ou *cantabile*, em andamento lento, passando pela *aria parlante*.

Jephtha, estreada no Covent Garden em 1752, é a última oratória de Georg Friedrich Händel (1685-1759) e uma das mais negras e perturbadoras narrativas da história da oratória, baseada no Livro dos Juízes do Antigo Testamento. Giacomo Carissimi já a havia posto em música por volta

de 1650 numa versão que Händel com certeza conhecia. A composição de *Jephtha* coincidiu com um período complicado da vida de Händel, durante o qual começou a perder a visão. Teve inclusivamente que fazer uma pausa em fevereiro de 1751 para “relaxar” o olho esquerdo, concluindo a obra uns meses depois. A ária **“Scenes of horror, scenes of woe”** pertence a Sortgé, mulher de Jephtha. Com saltos de oitava a ilustrar o “terror” e linhas cromáticas sobre a palavra “sombras” prenuncia o momento em que Jephtha vai oferecer a sua filha em sacrifício.

Leonardo Leo (1694-1744) foi professor de Niccolò Jommelli e um dos preeminentes compositores de ópera e música sacra da escola napolitana, desenvolvendo toda a sua carreira na corte do vice-rei. *Andromaca* (1742) com libreto de Antonio Salvi, sobre a tragédia de Jean Racine, é uma das suas obras mais sofisticadas, onde tudo está ao serviço do drama. Na ária **“Prendi quel ferro, o barbaro!”**, Andromaca, esposa de Heitor, angustiada desafia Pyrrhus, filho de Aquiles, mas simultaneamente revela uma triste afeição pela criança indefesa.

Considerada uma das primeiras oratórias da história da música, a um século de distância das composições de Händel está *Rappresentatione di anima e di corpo* (1600) de Emilio de Cavalieri (1550-1602). Na verdade é mais uma peça moral do que sacra, uma cantata alegórica baseada num diálogo ou disputa entre a alma e o corpo, e um exemplo dos princípios da *seconda pratica*. A *Sinfonia*, que servia para preparar emocionalmente o público, repete uma escala descendente sobre a qual são criadas linhas instrumentais ornamentadas.



A **Chaconne em Sol menor** de Henry Purcell (1659-1695) é construída de modo idêntico, com a repetição de uma sequência harmónica sobre a qual os instrumentos criam diversas linhas melódicas, tornando a textura cada vez mais elaborada em cada repetição. Como outras peças instrumentais, tem o efeito utilitário de mudar ou neutralizar o registo emocional e permitir fazer pequenas alterações de cenário.

Outra alma atormentada é a de Agrippina, mãe de Nero, futuro imperador de Roma. Baseada num libreto de Vincenzo Grimani, estreada em Veneza em 1709 com vinte e sete récitas em noites sucessivas, *Agrippina* foi a segunda ópera italiana de Händel e, de acordo com vários autores, a sua obra-prima operática. Na ária **“Pensieri, voi mi tormentate”**, em duas secções, a orquestra parece perseguir a personagem principal e o oboé ecoa os seus pensamentos.

Numa aceitação do sofrimento, o motete ***Tristis est anima mea*** com uso audacioso de dissonâncias e relações harmónicas características do também atormentado Carlo Gesualdo (1566-1613), príncipe da Venosa, ilustra a agonia de Cristo no Jardim de Getsémani. Salientam-se as figurações rápidas na referência à fuga dos seus discípulos e uma série de harmonias não resolvidas quando confrontado com a dimensão do seu sacrifício.

Rendidas ao destino cruel estão Dido (*Dido e Eneias*, 1689) e Almirena (*Rinaldo*, 1711). Dido, a rainha de Cartago do maior exemplo de ópera inglesa, obra-prima de Purcell, aceita o abandono de Eneias e o inevitável suicídio com a dignidade de uma rainha. Num **lamento**, uma marcha do destino em estrutura de *passacaglia* sobre uma linha tortuosa e cromática, Dido exclama “Remember me! But forget my fate.”

A infeliz Almirena da primeira ópera italiana de Händel em Londres, com **“Lascia ch’io pianga”** em tempo de *sarabanda* (emprestada da ópera *Almira* de 1705) resigna-se numa doce e melodiosa ária, pensando que nunca mais

voltará a ver o seu amado Rinaldo. Na mesma ópera (*Rinaldo*), num exemplo de tranquilidade e alegria, Almirena havia já cantado o seu amor por Rinaldo em **“Augelletti che cantate”**, uma pitoresca ária com passarinhos em dueto com a voz, representados pela flauta de bisel soprano.

The Indian Queen é uma das semióperas de Purcell, estreada em Londres em 1695. Na ária **“They tell us that you mighty powers”** Orazia, aprisionada com o seu amado, encontra “alegria na dor” e “liberdade nas correntes” através do poder do amor.

Acompanhada pela orquestra que imita as brisas suaves e o murmúrio das águas, Susanna, da oratória homónima composta por Händel e estreada em fevereiro de 1749 no Covent Garden, recorre às árvores e às fontes para esfriar o seu amor pelo ausente Joacim. Amor, paz e natureza estão unidos na ária **“Crystal streams in murmurs flowing”**, num momento de calma antes da inevitável tempestade.

Originalmente escrita para quatro vozes *a capella*, ***Da pacem, Domine***, do compositor estónio Arvo Pärt (n. 1935), evoca a calma meditativa das catedrais góticas, com as suas notas sustentadas, ritmos estáticos e desenvolvimento harmónico lento e simples. Encomendada por Jordi Savall para um concerto em Barcelona em 2004 foi composta como tributo às vítimas dos ataques terroristas de Madrid.

Ariodante foi a primeira ópera que Händel escreveu para o Covent Garden em 1735, com libreto baseado no conhecido poema de Ariosto, *Orlando Furioso*. O papel principal foi escrito para o célebre *castrato* Giovanni Carestini (c.1705-1760), explorando a sua grande extensão vocal e facilidade na *coloratura* e ornamentação. A ária **“Dopo notte”**, enérgica e cheia de *coloratura*, surge quando o enredo se aproxima da sua resolução, celebrando o final feliz após uma sequência de ciúmes, traições e falsas acusações.

SUSANA DUARTE

Joyce DiDonato



JOYCE DIDONATO - IN WAR & PEACE © BROOKE SHADEN

Vencedora de dois prêmios *Grammy* – “Best Classical Solo Vocal Album” (*Joyce and Tony: Live at Wigmore Hall*) em 2016, e “Best Classical Vocal Solo” (*Diva Divo*) em 2012 – Joyce DiDonato, cantora norte-americana, nascida no Kansas, conquistou os palcos a nível mundial, tendo ascendido ao topo da indústria como artista, mas também como uma eloquente defensora das artes. Destacou-se em produções de óperas de Händel e Mozart, bem como através da sua variada discografia. São também muito apreciadas as suas atuações nas óperas de Rossini e Donizetti. A sua presença é também muito solicitada nos mais prestigiados palcos, em concerto e em recital. Nos últimos anos, foi artista residente no Carnegie Hall de Nova Iorque e no Barbican Centre de Londres. Realizou digressões na América do Sul, na Europa e na Ásia, e apresentou-se, como solista convidada, nos *BBC Proms*. Em 2012 apresentou na Fundação Gulbenkian o programa intitulado *Drama Queens*, com Il Complesso Barocco. Regressaria em 2016, em recital.

No domínio da ópera, participou recentemente na sua primeira *Semiramide* (Rossini), numa nova produção da Ópera da Baviera; estreou-se como Didon (*Le Troyens* de Berlioz), sob a direção

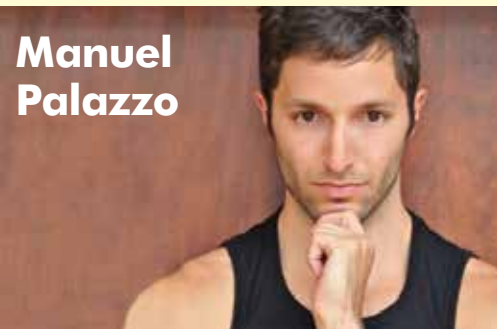
de John Nelson, e como Charlotte (*Werther* de Massenet), para a Royal Opera House, com Antonio Pappano. Outros destaques incluem: o papel principal em *Maria Stuarda* (Donizetti), na Metropolitan Opera, na Royal Opera House e no Gran Teatre del Liceu de Barcelona; o papel principal em *Ariodante* (Händel), em digressão com o English Concert e o maestro Harry Bicket. Na presente temporada, os compromissos de Joyce DiDonato incluem: *Cendrillon* (Massenet) e a sua estreia como Adalgisa (*Norma* de Bellini) na Metropolitan Opera; o regresso à Royal Opera House (*Semiramide*); e o papel de Irmã Helen Prejean, em *Dead Man Walking*, de J. Heggie, no Teatro Real de Madrid e no Barbican Centre. Em concerto, colabora com a Filarmónica de Roterdão e o maestro Yannick Nézet-Séguin, a Filarmónica de Berlim e Simon Rattle, e a Sinfónica de Kansas City e Michael Stern. Para além da digressão europeia de *In War & Peace*, com Il Pomo d’Oro, apresenta-se em recital no Wigmore Hall de Londres e na Royal Opera House. No domínio discográfico, Joyce DiDonato grava em exclusivo para a Erato / Warner Classics. O seu mais recente álbum, *In War & Peace*, recebeu o *Best Recital Gramophone Award 2017*.

Maxim Emelyanychev



MAXIM EMELYANYCHEV © EMIL MATVEEV

Manuel Palazzo



MANUEL PALAZZO © DR

Maxim Emelyanychev nasceu em Dzerjinsk, na Rússia. Estudou piano e direção de orquestra na Escola de Música de Nijny Novgorod, tendo posteriormente ingressado na classe do maestro Gennadi Rozhdestvensky no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo. Estudou também cravo e pianoforte com Maria Uspenskaya. Foi premiado em vários concursos internacionais de cravo, piano e direção. Em 2013 recebeu a “Mascara de Ouro”, o mais prestigiado prémio russo de teatro, como cravista de *As bodas de Figaro*, de Mozart, no Teatro de Perm.

Maxim Emelyanychev estreou-se como maestro aos 12 anos de idade. Ao longo do seu percurso dirigiu várias orquestras na Federação Russa e a nível internacional, tanto barrocas como sinfónicas. É simultaneamente o Maestro Principal da Sinfónica Juvenil de Nijny Novgorod e da orquestra barroca Il pomo d'oro, liderando esta última nos seus variados projetos de concerto e ópera. Colabora com artistas de renome como R. Minasi, X. Sabata, J. Lezhneva, S. Karthäuser, F. Fagioli, D. Sinkovsky, A. Lubimov, T. Currentzis, P. Ciofi, ou Katia e Marielle Labèque. Para além da direção musical da digressão do programa *In War & Peace*, que gravou com Joyce DiDonato, a presente temporada inclui a sua estreia à frente da Orchestra della Svizzera Italiana. Como maestro convidado dirige, entre outras, a Orquestra Nacional de Lyon, a Sinfónica de Milão Giuseppe Verdi, a Royal Liverpool Philharmonic, a Orquestra Nacional de Bordéus e a Sinfónica de São Petersburgo, esta última no âmbito do Arts' Square Festival fundado por Y. Temirkanov.

Manuel Palazzo nasceu na Argentina. Cedo começou a estudar bailado clássico, começando a atuar regularmente no Teatro Colón de Buenos Aires. Atualmente, a sua presença é muito solicitada em espetáculos de dança clássica e moderna, bem como em produções de ópera, teatro, cinema e televisão. Apresenta-se com regularidade em prestigiados palcos como a Metropolitan Opera de Nova Iorque, o Gran Teatro del Liceu de Barcelona, ou o Teatro Real de Madrid, tendo colaborado com diretores e encenadores como David McVicar, Harold Prince, Laurent Pelly, ou Robert Lepage. Outras colaborações incluem o Teatro de Dança Caracalla (Beirute), O Teatro Nacional de Belgrado (Sérvia), a companhia de dança Lanònima Imperial (Barcelona), ou o Centro Cultural Francês de Kinshasa (Congo). As suas participações em cinema e televisão incluem o filme *Blood Ties*, realizado por Guillaume Canet (2013) e a série *Boardwalk Empire* (2010-2014), de Terence Winter e Martin Scorsese.

Ralf Pleger

RALF PLEGER © TATIANA DACHSEL



Os antecedentes musicais e teatrais do realizador alemão Ralf Pleger são elementos evidentes na sua produção. É internacionalmente aplaudido pelos seus filmes sobre temas musicais e biográficos, tendo o sugestivo imaginário e os estilos narrativos invulgares merecido a atribuição de vários prémios, tais como, o prémio do público do World Film Festival Montreal e um prémio *Echo Klassik*. O seu filme *WAGNERWAHN* recebeu uma nomeação para os prémios *Emmy*. Com Joyce DiDonato no papel da protagonista, realizou *The Florence Foster Jenkins Story* (2016), uma mistura extravagante de drama e documentário que conta a incrível história da “pior cantora de todos os tempos”. Ralf Pleger estudou musicologia, história da arte e italiano em Berlim e em Milão. Como dramaturgo, participou em várias produções da Ópera Estadual de Berlim – *Unter den Linden* e do Festival de Innsbruck. Como realizador de cinema e televisão, trabalhou com artistas de renome internacional, em várias áreas, como Daniel Barenboim, Plácido Domingo, Anne-Sophie Mutter, Teodor Currentzis, Cameron Carpenter, Vivienne Westwood e Donna Leon. O trabalho de Ralf Pleger em *In War & Peace* acrescenta uma nova dimensão à sua longa relação artística com Joyce DiDonato. Em conjunto com a versátil cantora e o designer Henning Blum, Pleger desenvolveu um conceito baseado num sugestivo trabalho de iluminação que enriquece o programa do concerto com uma narrativa contemporânea não literal, embora coesa, sendo o desafio da reconciliação um dos elementos chave do espetáculo.

Henning Blum

HENNING BLUM © GRESCHA SCHMITZ



Henning Blum estudou na Universidade de Ciências Aplicadas de Hamburgo. Trabalha na indústria do cinema há 17 anos, tendo colaborado duas vezes com Fatih Akin, vencedor do Festival de Cinema de Cannes, e com os prestigiados diretores de fotografia Sonja Rom e Ngo The Chau. Colaborou em mais de 70 filmes para muitas produtoras e canais de televisão, incluindo ARTE, UFA Fiction, Network Movie, Constantin Film e Wiedemann & Berg.

Yousef Iskandar

YOUSSEF ISKANDAR © DR



Yousef Iskandar nasceu em 1983 no Líbano. Desenvolve o seu trabalho nos domínios do vídeo, da fotografia, da *performance* e da instalação. Ao longo de dez anos, trabalhou com o departamento artístico da produtora Over Beirut de Yehya Saade. Tem residência em Berlim e Barcelona, cidades onde desenvolve a sua atividade experimental e de expressão artística multidisciplinar, alargando as fronteiras da sua arte e definindo novas categorias, as quais transmite e partilha em *workshops* por toda a Europa.

Il pomo d'oro



IL POMO D'ORO © DR

A orquestra Il pomo d'oro foi fundada em 2012. Inicialmente focada no repertório da ópera barroca, tem vindo a dedicar-se progressivamente à música instrumental. Os seus músicos são especialistas no domínio da interpretação autêntica em instrumentos de época. Em conjunto com o jovem maestro Maxim Emelyanychev, formam um agrupamento de grande qualidade que combina o conhecimento estilístico com a desenvoltura técnica e o entusiasmo artístico.

O nome da orquestra refere-se ao título de uma ópera de Antonio Cesti, composta para o casamento do Imperador Leopold I da Áustria com Margarita Teresa de Espanha, em Viena, em 1666. A ópera constituiu a parte final de uma celebração imperial de grande esplendor que incluiu impressionantes efeitos especiais. *Il pomo d'oro* foi provavelmente a mais excessiva e dispendiosa produção operática na então curta história da ópera.

A orquestra Il pomo d'oro gravou quatro óperas: *Tamerlano* e *Partenope* de Händel, *Catone in Utica* de L. Vinci, todas dirigidas por Riccardo Minasi, e ainda *Ottone* de Händel, dirigida por George Petrou. A colaboração com o violinista e maestro

R. Minasi esteve também na base da primeira gravação premiada, *Vivaldi: Concerti per Violino IV "L'Imperatore"*. A segunda gravação, *Concertos para Violino "Per Pisendel"*, de Vivaldi, com o solista e maestro Dmitry Sinkovsky, recebeu o *Diapason d'Or*. O álbum *Arias for Caffarelli* recebeu o *Choc de l'année 2013* da revista francesa *Classica*. Outras gravações incluem: *Concerti per due violini e archi* (Vivaldi), com R. Minasi e D. Sinkovsky; concertos para cravo e violino de J. Haydn, com M. Emelyanychev e R. Minasi; o CD *Giovinello*, com o jovem violoncelista Edgar Moreau, merecedor do prémio *ECHO Klassik 2016*. Gravaram com a meio-soprano Joyce DiDonato o disco *In War & Peace*, seguindo-se apresentações em concerto nos Estados Unidos da América e na Europa. A orquestra Il pomo d'oro tem-se apresentado nos principais palcos da Europa e na América do Norte, incluindo Théâtre des Champs-Élysées (Paris), Theater an der Wien, Herkulessaal de Munique, Barbican Centre e Wigmore Hall (Londres) e Carnegie Hall de Nova Iorque. Apresentaram-se na Gulbenkian Música em 2015, 2016 e 2017.

Il pomo d'oro

VIOLINOS I

Zefira Valova
Edson Scheid
Fotini Vovoni
Anna Melkonyan

VIOLINOS II

Alfia Bakieva
Daniela Nuzzoli
Anna Fusek
Maya Kadish

VIOLA

Giulio D'Alessio

VIOLA DA GAMBA

Johanna Rose

VIOLONCELOS

Ludovico Minasi
Cristina Vidoni

CONTRABAIXO

Davide Nava

ARQUIALAUDE

Simone Vallerotonda

OBOÉ

Roberto De Franceschi

FAGOTE

Katrin Lazar

FLAUTAS

Anna Fusek
Roberto De Franceschi
Katrin Lazar

CRAVO

Maxim Emelyanychev

25 Maio — 18:30

Esperamos por si!



Apresentação
Temporada 18 / 19

Entrada livre
Limitada aos lugares disponíveis

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
CORPORAÇÃO

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

vay VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Memória da Música. Por todos.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

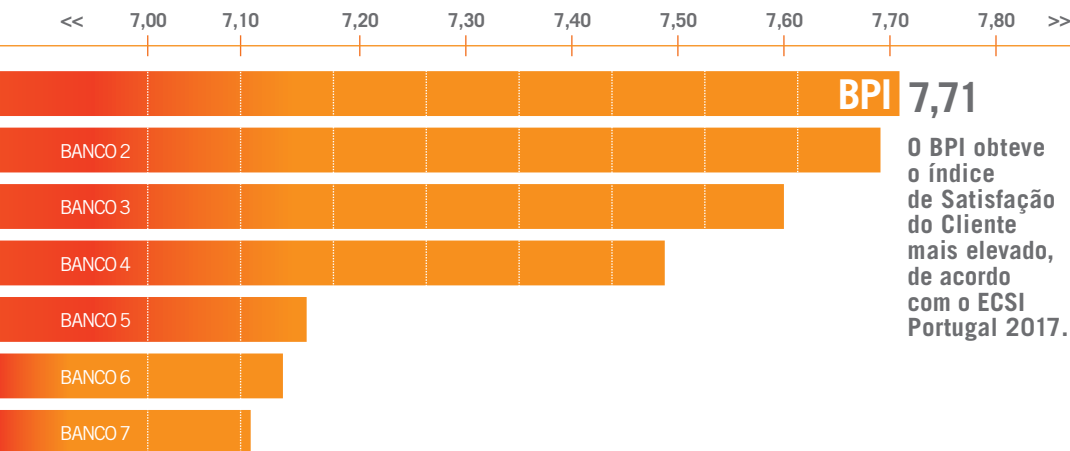


Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI é líder pelo 2º ano consecutivo na Satisfação dos Clientes, de acordo com o Índice Nacional de Satisfação do Cliente - ECSI Portugal 2017.



Este índice, baseado numa metodologia internacional comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo Instituto Português da Qualidade, pela Associação Portuguesa para a Qualidade e pela NOVA *Information Management School* da Universidade Nova de Lisboa.



O BPI obteve o índice de Satisfação do Cliente mais elevado, de acordo com o ECSI Portugal 2017.

Este estudo utiliza uma escala de satisfação de 1 a 10 e é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

600

PREÇO

2€

Lisboa, Maio 2018

